

Foi naquele momento inesperado, porém previsto, pouco tempo atrás, que eu me entreguei ao beijo desejado, sem contudo, querer perder a paz.

Um coração ferido e mal amado se amarra a qualquer fuga, e tanto faz que ele venha num beijo apaixonado, ou nas mentiras da paixão fugaz.

Eu compreendi, depois, minha atitude, ao aceitar o beijo que não pude renegar, como gesto louco e vil.

E é possível que vá seguindo em frente recordando o que foi, seguramente, um beijo só, mas que valeu por mil!...

Alba Christina Campos Netto, Beijo Fatal, em Reencontro, 1995 – II Concurso Nacional de Sonetos, Crônicas e Trovas.

Em tempos de progresso supersônico máquinas e instrumentos bem complexos unem jovens por meio eletrônico num amor virtual entre os três sexos.

Safenas, silicões, mil anexos tornam o homem moderno um ser biônico deixando-nos atônitos, perplexos, e a mim – poeta atômico – afônico.

Da medicina aos carros, casas, jogos, escolas, campos, fábricas de fogos refletem os avanços da invenção.

Com o mundo futuro já traçado, vejo que até meu Deus foi recriado e queda, então, sem uma inspiração.

Nato Azevedo (Cincinato Palmas Azevedo): Caixa Postal 566, Agência Cidade Nova, 67133-970 – Ananindeua, PA

Meu pai, hoje é seu dia!... Meu amigo, eu tenho tanta coisa a lhe dizer: seu braço forte é meu maior abrigo, meu orgulho maior, seu filho eu ser.

Se estamos no apogeu, quantos amigos!... mas nos apuros é que eu quero ver. Os amigos nos deixam em perigo e a nosso lado fica só você.

De onde vem a vontade de viver e de lutar de que dispõe, no afã de me agradar e de me proteger?!...

Sou seu ontem; você, meu amanhã. Você é tudo que eu queria ser. Além de filho, sou também seu fã.

João Henriques da Silva, O Dia dos Pais; em 4a Antologia Poética Vargas Netto, 2000 CP 212, CEP 97670-000 – São Borja, RS

## SELEÇÕES EM FOLHA

mfmnenendez@ig.com.br

Ano 9, Nº 08 – 2005, AGOSTO

Assinatura até Dezembro de 2005: 04 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (RS 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Vierte, corazón, tu pena donde no se llegue a ver, por soberbia, y por no ser motivo de pena ajena.

Yo te quiero, verso amigo, porque cuando siento el pecho ya muy cargado y deshecho, parto la carga contigo.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Senecillos XLVI; José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Tú me sufres, tú aposentas en tu regazo amoroso, todo mi amor doloroso, todas mis ansias y afrentas.

Tú, porque yo pueda en calma amar y hacer bien, consientes en enturbiar tus corrientes con cuanto me agobia el alma.

Enquanto houver avareza e desacato aos direitos, haverá sempre a pobreza e ricos insatisfeitos!

Célia Guimarães Santana, em Trovaregre 0507

Trem-de-ferro o teu apito lembra-me um sino plente: tanta magia em teu grito, tanta saudade na gente!

Doroti Jansson Moretti, em Fanal 0507; casadopoeita@uol.com.br

Desfrute o precário instante mercenária alma sofrida que cofre nenhum garante cobiçada longa vida!

Fernando L. A. Soares

Ah! que emoção mais bonita me provoca a filha amada, quando, plácida, dormita em meu braços recostada!...

Lacy José Raymundi, em Fanal 0507

Paz! Paz! Palavra de bem dizemo-nos tu e eu, o árabe diz: *salém* e *shalom* diz o judeu!

Miguel S. Maly, em 0507 Koisalinda: fax (016) 3636-6675

Aos olhos do Nazareno, Maomé, Confúcio e Buda, não é fraco nem pequeno quem pede ou aceita ajuda!

Roberto Resende Vilela, em 0507 Trovaregre CP 181, 37550-000 – Pouso Alegre, MG



## TEMAS DA SAZÃO INVERNO – QUIDAIS DE INVERNO



Chega o minuano arrepiando o passarinho e o gato que espia...

Francisco Handa

O solar de inverno penetra pelo bambual clareando a trilha...

H. Masuda Goga

Todos batem palmas para o boneco de neve que ganhou o chapéu.

H. Masuda Goga

Toque de buzina: atravessa o rio seco a boiada em ordem.

H. Masuda Goga

Barrancos deslizam. No leito do rio seco boiada e poeira.

Teruko Oda

Prado ressecado sob as patas do cavalo nem sombra de capim.

Teruko Oda

Sob o viaduto ao redor de uma fogueira canção sertaneja!

Teruko Oda

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

Gostosa coceira. Crava a pele macia o carrapatinho.

Amauri do Amaral Campos

Pessoas comendo. Fumaça sai da panela, aipim sobre a mesa.

Analice Feitoza de Lima

Um tímido sol deixa a manhã friorenta. Cobertor de lã...

Anita Thomaz Folmann

Fumaça. Fuligem. Poluindo a velha praça e o chorão sem ar...

Darly O. Barros

Arranhando o céu os galhos secos à margem de uma estrada ao léu.

Fernando L. A. Soares

Cação no mercado. Guri pas-sa... pega e corre!! Polícias atrás!...

Leonilda Hilgenberg Justus

Curvado, mãos no bolso. Cachecol ao vento.

Manoel F. Menendez

## HAICUS EM FOLHA



Um vulto escondido: luvas, capuz, casacão.

É um dia gélido. M

Alba Christina

Casacos e luvas passeiam pelas calçadas. O dia está gélido!

R

Angélica Villela Santos

Horta no quintal. Buquê de oferenda ao sol. Tenra couve-flor.

R

Darly O. Barros

No Dia do Padre muita reza no Brasil feliz sacerdote.

R

Jorge Picanço Siqueira

Entre as hortaliças, uma flor grande aparece couve-flor madura.

R

Alba Christina

Missas especiais. Batinas cruzam a praça. É Dia do Padre.

R

Angélica Villela Santos

Crianças soprando fumaça pelas bocas: dia gélido.

F

Denise Cataldi

No dia tão gélido, família junto a um foguinho. Ao lado da rua...

R

Leonilda Hilgenberg Justus

Só um vento cortante soprando, no dia gélido...

M

Amália Marie Gerda

Carinhas chorosas. O dia gélido, prende crianças em casa.

A

Anita Thomaz Folmann

Boquinha gulosa espera pelo almoço: couve-flor de forno.

R

Djalda Winter Santos

Mãos no bolso, encolhido, segue em frente. Dia gélido.

R

Manoel F. Menendez

Vapores nos vidros, dia gélido lá fora. Desenho a dedo.

C

Amauri do Amaral Campos

As ruas desertas, ninguém dá sinal de vida neste dia gélido.

E

Anita Thomaz Folmann

Na hora da missa, juntam-se os fieis na igreja: é Dia do Padre.

R

Djalda Winter Santos

Igreja lotada. Cumprimentos de fieis no Dia do Padre.

M

Renata Paccola

A mão abençoa sugerindo uma cruz; no Dia do Padre.

F

Amauri do Amaral Campos

No Dia do Padre os fieis se aglomerando para um abraço.

AB

Anita Thomaz Folmann

Num dia gélido, o sol ainda com sono desperta mais tarde.

F

Elen de Novais Fleix

Outro dia gélido amanhecendo lá fora. Lenha no fogão.

A

Sérgio F. Pichorim

No meio das folhas crescem flores feito cérebros; verso de couve-flor.

F

Amauri do Amaral Campos

Mais um dia gélido... Mantôs, luvas, cachecóis desfilam nas ruas.

C

Darly O. Barros

Missa na paróquia: o povo alimenta a fé... no Dia do Padre.

F

Elen de Novais Fleix

No alto da antena o passarinho parado. Um dia gélido.

F

Sérgio F. Pichorim

Só num dia gélido fica em volta da lareira a família inteira.

M

Analice Feitoza de Lima

Igreja lotada. Fila para a confissão no Dia do Padre...

F

Darly O. Barros

Almofada branca decora a sala campestre... Couve-flor gigante!

M

Elen de Novais Fleix

Tapete branco faz o quintal florido tempo de couve-flor.

R

Suely da Silva Mendonça

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feita na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS



Remeter até 30.08.05, quigos à escolha: Arco-íris vernal, Flor de pereira, Semana da Música.



Remeter até 30.09.05, quigos à escolha: Água-viva, Árvore de Natal, Nenúfar.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132 01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmnenendez@ig.com.br

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

**TREVOS (TERCETOS)**  
**PERSONAGEM \* e À MODA OCIDENTAL °**

Lá, pelo Nordeste, vê-se rios periódicos. São rios minguantes. Agostinho José de Souza	Calor em agosto, e a chuva da primavera demora, demora... Alba Christina	Sete de Setembro! Independência sem guerra! Bendito país! Albertina C. G. dos Santos . 2005	Na horta abandonada natureza tece brócolis... espanto no olhar! Anita Thomaz Folmann	Um peixe tão grande, * depois de morto é embalado em pequena lata. Cecy Tupinambá Ulhôa	Via-Láctea, dossel ° velando o encontro anual de duas estrelas... Darly O. Barros	Atum no ensopado ° à mesa que almas deleita é um segredo herdado. Fernando L. A. Soares
A sopa quentinha, muito aipim e costelinha... pois haja apetite! Fernando Vasconcelos	Tragédia paulista repetida a cada ano: mendigos no frio!... Hermoclydes S. Franco	Criança impulsiva embaixo do cobertor. – Quanta travessura! Humberto Del Maestro	Jardim seco. Além, ° panorama é bem triste. Estiagem prossegue... João Batista Serra	Tem capim-gordura ° e pasto bom para bois saudados do campo. Jorge Picango Siqueira	A primeira nêspera ° que colhi do meu quintal dei a minha mãe... M. U. Moncam	Deixando o machismo ° de lado, o papai coruja esquece o trabalho. Marcelino R. de Pontes
Passou o outono, chega frio tormentoso, coitados dos pobres. Maria App. Picango Goulart	Amarelo e roxo. No Amor e no amor-perfeito; alegria e tristeza. Maria Reginato Labruciano	Muito bem pensado. * Excelente acompanhante, atum na salada. Nadyr Leme Ganzert	Cansado de ser ° peão eu rodeio a vida em vaquejadas. Nilton Manoel Teixeira	Chorão desfolhado ° despejando uma torrente de lágrimas secas. Renata Paccola	Brócolis no almoço. ° Com alguma inflamação, come-se uma floresta... Sérgio Serra	Cantor em ação: * junto ao chorão desfolhado, compõe melodias. Walma da Costa Barros

<p>Sempre cheguei tarde ou cedo demais. Não vi a felicidade acontecer. Nunca floresceram em minha primavera as rosas que sonhei colher.</p> <p style="text-align: right;">Nunca e Sempre GP</p> <p>Voa a nave rumo a Vênus. Remoinham astros na vertigem do espaço. A resvalar em milhões de quilômetros, voa a nave rumo a Vênus. (Estrela da manhã, estrela azul da tarde! Esteiras de versos tapizaram teu caminho, longínqua soberana dos poetas.) Na mira da teleobjetiva, a face de Vênus, nebulosa e manchada, chora o mistério perdido.</p> <p style="text-align: right;">Vênus hH</p> <p>Em vão, percorro a cidade com meus claros olhos de antes. As ruas não são as mesmas... e são outros os passantes.</p> <p style="text-align: right;">Olhos de Antes GP</p> <p>Em líquidos caules, irisadas flores d'água cintilam ao sol.</p> <p style="text-align: right;">Repuxo Iluminado hH</p>	<p>Palavras são pássaros. Voaram! Não nos pertencem mais.</p> <p style="text-align: right;">Pássaros Libertos GP</p> <p>Somos argila dorida, sangrando em face dos astros, na vertente dos abismos. Ascensão ...quatro... três... dois... um... ignição... partida! Sobe o foguete, numa explosão súbita de chamas na cachoeira atroadora de som. Azul-celeste, verde-alfazema, índigo, violeta... arco-íris e auroras boreais no trajeto vertical da cosmonave. Cápsula em órbita, leve e liberto, o astronauta flutua: peixe sideral em aquário volante. Na transição veloz em torno do planeta, a prata azul dos mares colore-se de aurora, de zênite e de ocaso no prazo de uma hora.</p> <p style="text-align: right;">Argila hH</p> <p>Luar nos cabelos. Constelações na memória. Orvalho no olhar.</p> <p style="text-align: right;">Noite hH</p>	<p>A solidão da vida. Longo ensaio da solidão da morte.</p> <p style="text-align: right;">Ensaio GP</p> <p>As constelações do Zodíaco estarão no roteiro das viagens. Iremos a Aldebarã, afrontando as aspas de ouro de Tauro. Na balança estelar de Libra, buscará equilíbrio nosso lastro de sonho. Áries e Capricórnio darão marradas de luz nas cosmonaves. As setas de Sagitário transpassarão os atrevidos invasores. A precisão objetiva da viagem perturbará os presságios dos signos. Iremos a Aldebarã.</p> <p style="text-align: right;">Transuniversal hH</p> <p>Será sempre agora. Viajarei pelas galáxias universo afora. Selvagem assim como a fera se esconde na toca para morrer, oculto esta mágoa no fundo da noite. Os olhos abertos ardendo na treva, os olhos sem pranto olhando sem ver. E o pensamento sangrando palavras.</p> <p style="text-align: right;">Depois hH</p>	<p>Tudo o tempo leva. A própria vida não dura. Com sabedoria, colhe a alegria de agora para a saudade futura.</p> <p style="text-align: right;">Sabedoria GP</p> <p>Nuvem humana, gaivota lunar, o astronauta flutua, livre da gravidade como os ressuscitados. Constelações iluminam seu bailado, no tablado da noite universal.</p> <p style="text-align: right;">Balé hH</p> <p>Soberbo monumento da astronáutica num pedestal de cifras. Bezerro de ouro, cosmonave! Milhares de famintos baixaram ao vale da morte, para que pudesse subir.</p> <p style="text-align: right;">Astronave hH</p> <p>Eram Jucas e Chiquinhos, Ninas, Lolas, Mariquitas. Apelidos que o amor selava nas criaturas. Hoje são números. (Computadores não programam ternura)</p> <p style="text-align: right;">Apelidos hH</p>	<p>Quando sonho, sou outra. Inauguro-me.</p> <p style="text-align: right;">Sou Outra GP</p> <p>Não é o tempo que voa. Sou eu que vou devagar.</p> <p style="text-align: right;">Cronos GP</p> <p>Não é mais a nativa Jaci, mãe dos frutos, nem Selene viajara das planuras siderais. Ele é, agora, um astro morto, um satélite explorado pelas naves espaciais.</p> <p style="text-align: right;">Balé hH</p> <p>O homem irá viver na lua, em cavernas. Como se alegrará o troglodita, soterrado em sólidas camadas de civilização...</p> <p style="text-align: right;">Selenita hH</p> <p>Tão longa a jornada! E a gente cai, de repente, no abismo do nada.</p> <p style="text-align: right;">Jornada hH</p> <p>Em seus caramujos, os tristes sonham em silêncios. Que ausência os abita?</p> <p style="text-align: right;">Os Tristes hH</p> <p>Nas mãos inspiradas nascem antigas palavras com novo matiz.</p> <p style="text-align: right;">Alquimia hH</p>	<p>A flecha de sol pinta estrelas na vidraça. Despede-se o dia.</p> <p style="text-align: right;">Flecha de Sol hH</p> <p>Bate breve o gongo. Na amplidão do tempo ecoa o som lento e longo.</p> <p style="text-align: right;">Ressonância hH</p> <p>Pintou estrelas no muro e teve o céu ao alcance das mãos.</p> <p style="text-align: right;">Poesia Mínima GP hH</p> <p>Minúscula estrela, pirilampo azul na fimbria do horizonte, a palpitar muito além do mais longe...</p> <p style="text-align: right;">Distância hH</p> <p>Um sabiá cantou. Longe, dançou o arvoredor. Choveram saudades.</p> <p style="text-align: right;">Saudades hH</p> <p>Arco-íris no céu. Está sorrindo o menino que há pouco chorou.</p> <p style="text-align: right;">Arco-Íris hH</p> <p>Será sempre agora. Viajarei pelas galáxias universo afora.</p> <p style="text-align: right;">Depois hH</p>
--	--	--	--	--	--

Helena Kolody (Cruz Machado 12.10.1912 - Curitiba 14.02.04), em Gazeta do Povo (GP) 16.02.04 e hora H (hH) Edição 392; gentileza de Raynal Augusto Costa

<p>Sou matuto sertanejo, daquele matuto pobre que não tem gado nem quêjo, nem ôro, prata, nem cobre. Sou sertanejo rocêro, eu trabaio o dia intêro, que seja inverno ou verão. Minhas mão é calejada, minha péia é bronzizada da quintura do sertão.</p> <p>Por força da natureza, sou poeta nordestino, porém só canto a pobreza do meu mundo pequenino. Eu não sei cantá as gulora, também não canto as vitora dos herói com seus brasão, nem o má com suas água... Só sei cantá minhas mágua e as mágua de meus irmão.</p> <p>Canto a vida desta gente que trabaia intê morrê sirrindo, alegre e contente, sem dá fé do padeçê, desta gente sem leitura, que, mesmo na desventura, se sente alegre e feliz, sem nada sabê na terra, sem sabê se existe guerra de país cronta país.</p>	<p>Eu canto o forte cabôco, de gibão e chapêu de côro, que, com corage de lôco, infrenta a raiva do tôro com um agudo ferrão. E das noite de São João eu canto as bela fogueira com seu fogo milagroso, segredo misterioso das moça casamentêra.</p> <p>Eu canto o sertão querido, a fonte dos meus poema, onde se iscuta o tinido do grito da sariema e onde o sertanejo véio observa os Evangéio e nas noite de luá, sirrindo, alegre e ditoso, conta istora de Trancoso para o seu neto iscutá.</p> <p>Sou sertanejo e me gabo de já tê visto o vaquêro, atrás do novio brabo atravessá o tabuléro. Amo a vida camponesa, nunca invejei a beleza e a fantasia da praça. Eu sou irmão do cabôco, que ri, que zomba e faz pôco da sua própia desgraça.</p>	<p>Cabôco que não cubiça riqueza nem posição e nem aceita a maliça morá no seu coração. Cabôco que, nesta vida, além da sua comida, o que mais estima e qué, é a paz, a honra e o brio, o carinho de seus fio e a bondade da muié.</p> <p>O que mais preza e percura o matuto camponês é não quebrá sua jura, que, no casamento, fez. Sem enfado e sem preguiça, quando vai uvi a missa, de paz, amô e alegria, leva o seu coração cheio, prumode uvi os consêio do padre da freguezia.</p> <p>E assim, na sua peleja, com a famia que tem, não inveja nem deseja o gozo de seu ninguém. Mas, por infelicidade, cronta seu gosto e vontade, munta vez, o pobre vê a muié morrê de parto, gemendo dentro de um quarto, sem ninguém lhe socorrê.</p>	<p>Morre aquela criatura, depois, a pobre coitada, no rumo da sepultura, vai numa rêde imbruiada. Um adjunto de gente, uns atrás, ôtros na frente, num apressado rojão, quando um sorta, o ôtro pega: é assim que se carrega morto pobre, no sertão.</p> <p>Fica, o viúvo, coitado!, de arma triste e dilurida, para sempre separado do mió de sua vida, mas, porém, não percebeu que a sua muié morreu, só por fartá um dotô. E, como nada conhece, diz, rezando a sua prece: foi Deus que ditriminou!</p> <p>Pensando assim desta forma, resignado, padece; paciente, se conforma com as coisa que acontece. Coitado! Ignora tudo, pois ele não tem estudo, também não tem assistência. E por nada conhecê em tudo o camponês vê o dedo da Providença.</p>	<p>Só a coisa que o matuto conhece, repara e vê é tê que pagá tributo sem ninguém lhe socorrê, é derramá seu suó, com paciência de Jó, mode botá seu roçado, esperto, forte e disposto e tê que pagá imposto sem ninguém tê lhe ajudado.</p> <p>Às vez, alegre e contente, quanto é tempo de fartura, ele diz pra sua gente: Nossa safra tá segura! Mas, de repente, intristece, prquê magina e conhece que os home de posição só óia para o seu rosto pra ele pagá imposto ou votá nas ileiçáo.</p> <p>Quando aparece um sujeito, de gravata e palitô, todo alegre e sastifeito, como quem caça xodó, o matuto experiente repara pra sua gente e, sem tê medo de errá, diz, com um certo desgosto: "Ele vem cobrá imposto ou pedi pra nóis votá".</p>
---	---	--	--	--